

A QUESTÃO DOS REFUGIADOS E O COMPROMISSO CRISTÃO SOB A ÓTICA DE FRANCISCO

Maria de Lourdes Norberto¹

Resumo

O presente texto pretende apresentar a questão dos refugiados sob a ótica do pensamento do papa Francisco. Em um primeiro momento, será feita uma breve exposição da realidade dos refugiados nos dias de hoje, tendo por base dados atuais fornecidos pela ACNUR e por estudiosos do tema. Em um segundo momento, a questão será abordada a partir de ações e palavras do papa sobre o drama desses homens e mulheres com base no texto bíblico. Essas palavras são dirigidas aos cristãos e todas as pessoas de boa-vontade, sejam elas crentes ou não. A conclusão do trabalho é um convite à fraternidade, a que todos se questionem e se engajem no esforço de muitos em restituir dignidade à vida desses seres humanos em deslocamento.

Palavras-chave

direitos humanos – migração – ACNUR - deslocamento compulsório

A liberdade é um direito fundamental de todo e qualquer ser humano e não está limitado à liberdade física. O direito à liberdade é muito mais amplo e engloba o direito de ir e vir, o direito de livre expressão e pensamento, de liberdade religiosa, de liberdade intelectual, filosófica e política, da liberdade à manifestação, entre outras. Da mesma forma que a liberdade, o refúgio também é um direito fundamental que deve ser considerado em estreita relação com o direito à liberdade. Os direitos dos refugiados e refugiadas estão em estreita conexão com os direitos humanos. Não se pode falar em liberdade sem considerar a situação desse imenso contingente de seres humanos que vagam, sem destino, pelo planeta.

Uma pessoa se torna refugiada porque um ou mais de seus direitos fundamentais são ameaçados. Cada homem ou mulher que busca ou se encontra em situação de refúgio é consequência de um Estado que viola os direitos fundamentais e traz consigo uma história particular de repressão e abuso, de temor e medo, deixando também transparecer o fracasso dos direitos humanos em algum lugar do planeta (Piovesan, 2016: 58). Os solicitantes de refúgio são, em sua maioria, pessoas vulneráveis, principalmente as mulheres e crianças, em busca de um lugar onde possam levar uma vida digna e precisam ser acolhidos e tratados com respeito, justiça e cuidados especiais. É preciso que os países de acolhimento lhes garantam, no mínimo, os mesmos direitos e a mesma assistência básica dada a qualquer outro estrangeiro que lá resida legalmente, incluindo liberdade de pensamento, liberdade de deslocamento e não sujeição a tratamentos degradantes (Cátedra Sérgio Vieira de Mello, s/d).

A questão dos refugiados é um dos maiores dilemas que a humanidade hoje enfrenta. De acordo com Salil Shetty, ex-secretário geral da Anistia Internacional,

¹ Graduada em Letras, Comunicação Social e Teologia pela PUC-Rio, mestre e doutora em Teologia pela PUC-Rio.

somos testemunhas da pior crise de refugiados da nossa era, com milhões de homens, mulheres e crianças lutando para sobreviver a guerras brutais, redes de tráfico de pessoas, e governos que perseguem interesses políticos egoístas em vez de demonstrarem compaixão. (Cristiano, 2017)

É importante diferenciar o refugiado do migrante. Etimologicamente, “migrar” é passar de um território para outro. Migrante é simplesmente aquele que muda de um território para outro. Quem sai de sua terra para o exterior é chamado, em seu próprio país, de emigrante. Quem chega a outro país, do ponto de vista do lugar que o acolhe, é considerado imigrante. Há, entretanto, semelhanças entre um refugiado e um imigrante, na medida em que ambos deixaram sua terra e, por conta dessa similaridade, o termo costuma ser usado genericamente para descrever todo tipo de deslocamento humano. O que realmente diferencia uma migração comum e um refúgio é a motivação: o migrante, por mais que seja influenciado por condições de vida, se desloca voluntariamente. Em geral, deixa seu país por motivos econômicos, em busca de uma vida melhor. Já o refugiado é motivado por uma situação de perigo iminente e, assim sendo, seu deslocamento é um ato contra sua vontade. Nesse caso, as condições econômicas do país de acolhida contam menos, pois que o que é buscado é a segurança. Apesar da semelhança entre as duas situações, a distinção entre elas é fundamental para o tratamento oferecido a esses seres humanos, uma vez que o migrante goza da proteção de seu país e o refugiado, não (ACNUR, 2023).

Embora a migração e a solicitação de refúgio sejam hoje um problema sério a ser enfrentado, a história da humanidade é uma história de migrações, ou seja, de grandes movimentos coordenados de pessoas entre os continentes e suas consequências. Para se compreender bem essa história, é necessário, portanto, que se tenha em conta os processos migratórios que têm acompanhado sua evolução desde o início (Ogden, 2016). Como exemplo, podemos citar a chegada dos primeiros hominídeos à Europa, vindos da África, as ondas migratórias que mudaram a feição da Europa durante os primeiros séculos da civilização ocidental, a conquista das Américas e da África pela Europa, a emigração em massa japonesa após a Segunda Grande Guerra e, mais atualmente, a fuga de enormes contingentes de pessoas das guerras do Oriente Médio e do Norte da África. Não podemos também nos esquecer da migração de latino-americanos para os Estados Unidos pela fronteira do México, a fuga dos ucranianos da guerra que assola seu país desde fevereiro de 2022 e a dos palestinos da Faixa de Gaza, em consequência da retaliação de Israel após o ataque do Hamas, em outubro de 2023.

Os migrantes existem desde bem antes dos hominídeos, que apareceram há 120 mil anos. A primeira migração de que se tem registro remonta há 3.700.000 anos, quando um macho, uma fêmea e sua cria, depois de uma erupção vulcânica, deixaram a sua terra, a atual Tanzânia. Buscavam um outro lugar para habitar, já que lá não era mais possível viver. Essa primeira

migração conhecida é atestada por pegadas da fuga dessa família, que foram encontradas a 20 quilômetros do vulcão Sadiman, impressas nas cinzas e lava petrificadas. Tais pegadas, de cujos donos não se sabe mais nada, adquiriram papel simbólico e universal para a história da humanidade, porque comprovam que o primeiro migrante nasceu muito antes do ser humano, que chegou à Europa somente há 40.000 anos, vindo da África (Cristiano, 2017).

Com certeza, vivemos em um mundo em permanente deslocamento e, segundo os últimos relatórios da ONU, a quantidade de pessoas que tiveram que abandonar suas terras e suas vidas em busca de dignidade e liberdade não para de crescer. De acordo com a ACNUR (Alto-comissariado das Nações Unidas para Refugiados), a intensificação do processo migratório nas últimas décadas se deve majoritariamente a motivos de guerra, perseguições políticas, étnicas, culturais, discriminação, busca de melhores condições de vida e também desastres ambientais. O número de pessoas deslocadas à força em todo o mundo, no final de setembro de 2023, ultrapassou os 114 milhões e esses números ainda não levam em consideração as consequências do conflito em Gaza. O número por si só já é assustador, mas se torna ainda mais grave diante do seu ritmo de crescimento. Em 1995, somente 42 mil pessoas se encontravam na mesma situação. Se todas as pessoas deslocadas fossem acolhidas em um mesmo local, formariam o 14º país mais populoso do planeta (Palatinsky, 2022: 23).

A denominação “refugiado” e seus direitos foram reconhecidos em 1951, pela Convenção de Genebra, quando o mundo vivia as primeiras grandes mudanças estruturais e contabilizava as consequências de grandes conflitos. Por essa convenção, o refugiado ou refugiada é qualquer pessoa que teme ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas.

Na ocasião, ficou assegurado que qualquer indivíduo, em caso de necessidade, poderia exercer o direito e procurar e receber refúgio em outro país. 196 países são signatários dessa convenção, inclusive o Brasil. Hoje, no entanto, mais de meio século depois, quando o número de homens e mulheres nessa situação cresceu de forma exponencial, refletindo de maneira clara a crise dos tempos globais, muitos dos países que assinaram a convenção para recebê-los não os querem mais. Nesse mesmo ano, a ONU criou o escritório da ACNUR para tratar especificamente do problema.

Em 2000, a Assembleia Geral das Nações Unidas instituiu o Dia Mundial do Refugiado, que começou a ser celebrado em 2001. Com isso, a ONU pretendeu chamar a atenção do mundo para os problemas vividos por esses milhões de pessoas que são forçosamente obrigadas a deixar tudo para trás em busca de uma vida digna.

O tema do Dia Mundial do Refugiado, em 2023, foi “Esperança longe de casa: por um mundo inclusivo com as pessoas refugiadas”. A proposta é chamar a atenção para o poder da inclusão de homens, mulheres e crianças em situação de refúgio. Segundo a ACNUR, incluir essas pessoas nas comunidades onde encontraram segurança depois de se deslocar em função de situações de violência de todo tipo é a maneira mais eficaz de apoiá-las no recomeço de suas

vidas e permitir que contribuam para os países que as acolhem. É também a melhor maneira de prepará-las para voltar para casa e reconstruir seus países, quando as condições permitirem que o façam de forma segura e voluntária, ou mesmo para prosperar caso sejam assentadas em outro país.

O papa Francisco tem dirigido um olhar especial para essa questão desde sua eleição em março de 2013. Em junho daquele mesmo ano, diante das notícias de pequenos botes que naufragavam nas águas do Mediterrâneo gerando centenas de mortes, principalmente de mulheres e crianças, escolheu a ilha de Lampedusa como sua primeira viagem apostólica como pontífice. Seu objetivo era ver de mais perto a situação trágica em que esses seres humanos se encontravam. Essa viagem tornou-se um marco norteador de seu pontificado: a tragédia dos migrantes e a indiferença do mundo (Hummes, 2017: 12).

Lampedusa é uma pequena ilha italiana no Mediterrâneo, com pouco mais de 20 km², entre a Sicília e a costa da Líbia e da Tunísia, e uma das principais portas de entrada da União Europeia. Entrou na rota da imigração clandestina na década de 1990, quando pequenas embarcações com cerca de dez pessoas começaram a chegar ao porto. Nesses primeiros tempos, os habitantes prestavam ajuda dentro de suas possibilidades e os imigrantes logo partiam em direção ao continente. Até outubro de 2023, a Itália já havia recebido cerca 127 mil imigrantes e, segundo a revista IHU Online (2013), da Unisinos, a costa do Mediterrâneo, nessa região, é digna de uma versão contemporânea do Inferno de Dante.

Desde a ida à ilha italiana, o papa tem sistematicamente retornado ao tema da mobilidade humana. Ele insiste que os países são pouco acolhedores e dão prioridade a seus próprios interesses alegando problemas econômicos, sociais e de segurança para a recusa de uma postura mais proativa na superação da situação limite em que esses seres humanos se encontram. E tem repetidamente defendido os direitos dos refugiados e refugiadas que, segundo ele, são inalienáveis (Hummes, 2017: 13).

Na visão de Francisco, o ponto de partida para a abordagem do problema migratório é o conhecimento da realidade dessas populações em deslocamento compulsório. É necessário, segundo ele, que, antes de denúncias e busca de respostas, elas sejam ouvidas e seu clamor escutado. Seu sofrimento só será realmente conhecido quando lhes for dada voz para contar o que se passa com elas. Ouvir o clamor do povo, em sua visão, foi o trajeto escolhido pelo Deus do Êxodo:

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-los da mão dos egípcios, e fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel (Ex 3,7-8).

Francisco, em concordância com sua proposta de “Igreja em saída”, aquela que se desloca, que migra e se relaciona com o outro, tem continuamente convocado os cristãos e as pessoas de boa vontade, independentemente de credo, a se tornarem uma comunidade que sai de si mesma em direção aos

demais, principalmente àqueles que mais precisam. É fundamental, no entanto, que esses seres humanos sejam enxergados, não como meros objetos de assistência, mas como interlocutores, como sujeitos que interpelam (Marinucci, 2018: 88-89).

Na homilia da missa em celebração ao 7º aniversário de sua ida a Lampedusa, afirmou que as pessoas que estão em busca de refúgio ou que já conseguiram o *status* de refugiadas são um enorme desafio do qual a sociedade não pode mais fugir (FT n. 56). Para o papa, no encontro com o irmão que sofre, encontramos também o próprio Cristo:

O encontro com o outro é também encontro com Cristo. Foi Ele mesmo quem no-lo disse. É Ele quem bate à nossa porta faminto, sedento, estrangeiro, nu, doente, prisioneiro, pedindo para ser encontrado e assistido, pedindo para poder desembarcar. E se ainda tivéssemos alguma dúvida, eis a sua palavra clara: “*Em verdade vos digo, todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*” (Mt 25, 40). (PAPA FRANCISCO, 2020)

O modo privilegiado com que Francisco tem tratado a questão da migração e refúgio vai muito além de preocupações com a assistência às pessoas em situação de vulnerabilidade e da necessidade de cuidar de sua promoção e integração à sociedade. Está muito mais ligado à sua noção de ser humano e do que ele entende que sejam as relações interpessoais na marca do amor e da fé cristã. Seu interesse por essas pessoas é de fundo teológico e espiritual, simbólico e estratégico e mostra nuances e mesmo imperativos sobre sua visão do Deus de Jesus Cristo e sua compreensão da eclesiologia e da antropologia. Em suma, reflete seu entendimento sobre vida cristã e sua ideia de sociedade (Lussi, 2019: 91).

Segundo o papa, a parábola do Bom Samaritano, que está no centro da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, é a chave de leitura para se passar de um mundo fechado a um mundo aberto, um mundo de paz. Em uma oração pelos refugiados, em outubro de 2023, lembrou que a estrada que ligava Jerusalém a Jericó era perigosa como as rotas migratórias atuais e, como no texto bíblico, há hoje quem veja e vá adiante, sem se compadecer dos que estão em sofrimento à sua frente, da mesma forma que o sacerdote e o levita da parábola. No seu entender, normalmente, tais pessoas apresentam uma boa justificativa para assim agirem, mas, na realidade, a omissão e o repúdio por esses seres humanos em situação de abandono e sofrimento são fruto do egoísmo, da indiferença e do medo. A conduta do samaritano foi diferente, porque ele agiu movido por compaixão pelo desconhecido ferido e essa compaixão o levou em direção a ele. Para Francisco, a compaixão é o distintivo de Deus no nosso coração. É a chave que permite um ponto de virada numa situação crítica. Foi a compaixão que permitiu que a vida daquele ferido começasse a melhorar, graças a um estrangeiro que se comportou como irmão. O fruto que daí surgiu não é apenas uma boa ação de assistência. O fruto que daí surgiu foi a fraternidade (Jaguraba, 2023).

Na mesma carta encíclica, o papa nos lembra que, logo após a descrição da criação, a Bíblia propõe, na narração do primeiro fratricídio, o desafio das relações entre os seres humanos. Ao ser questionado por Deus sobre onde estava seu irmão Abel, a resposta que Caim dá é a mesma que damos quando nos deparamos com os esquecidos pela sociedade e que estão à margem precisando da nossa solidariedade para sobreviver: *“Acaso sou guarda do meu irmão?”*

Na homilia da missa que presidiu em Lampedusa, em 2013, Francisco já havia se referido à mesma questão usando as mesmas passagens bíblicas:

Quem é o responsável pelo sangue destes irmãos e irmãs? Todos nós respondemos assim: não sou eu, não tenho nada a ver com isto; serão outros, eu não certamente. Mas Deus pergunta a cada um de nós: *“Onde está o sangue do teu irmão que clama até mim?”* Hoje ninguém no mundo se sente responsável por isso: perdemos os sentidos da responsabilidade fraterna; caímos na atitude hipócrita do sacerdote e do levita (...): ao vermos o irmão quase morto na beira da estrada, talvez pensemos “coitado” e prosseguimos o nosso caminho, não é dever nosso; e isto nos basta para nos tranquilizarmos, para sentirmos a consciência em ordem. (papa Francisco, 2013)

A pergunta feita a Caim, em Gênesis, e repetida por Francisco em Lampedusa é, de fato, dirigida a toda a humanidade e nos compromete frente a todos os que sofrem e estão perdidos. Por mais que o mundo em que vivemos nos aponte caminhos de fechamento e egoísmo, a pergunta que Deus fez a Caim precisa ecoar em nossas consciências para que não respondamos, como ele, com indiferença. A situação desses milhões de homens, mulheres e crianças, que, movidos por esperança ou simples instinto de sobrevivência, vagam pelo planeta sem destino definido ou se encontram restritos a acampamentos que oferecem condições sub-humanas de vida, nos questiona em nossa humanidade e nos interpela até mesmo em nossa condição antropológica de sermos todos migrantes e estrangeiros buscando a terra prometida por Deus, ansiada e deseja por nós. A nossa própria experiência de transitoriedade, de sermos peregrinos nesta vida, deveria nos fazer voltar a atenção para a causa dessas pessoas. Isso nos levaria a perceber, (como o samaritano da parábola), na acolhida do migrante e refugiado e na superação da estranheza, do medo e da distância que nos separa deles, o cumprimento do 2º mandamento: *“Amar o próximo como a si mesmo”* (Mt 22, 37-39).

Para além dos questionamentos antropológicos e religiosos acerca da nossa própria condição de refugiados nesta terra, a situação dessas pessoas também põe em xeque os valores éticos basilares da vida em sociedade. Entre eles, podemos citar a liberdade, o direito de ir e vir, de buscar um lugar onde se possa viver com dignidade. No bojo do descaso e da rejeição da sociedade, se encontram vidas destruídas e famílias destroçadas pela violência que as tirou de suas terras e que segue com elas na busca de um refúgio. Neste mesmo bojo de descaso, está também o drama de chefes de família, homens e mulheres, que têm a difícil decisão de arriscar tudo, inclusive a vida de todos, em prol de um futuro melhor. Estão aí também as mulheres e homens vitimizados por questões de gênero, crianças com infâncias roubadas, idosos

abandonados à própria sorte e culturas destruídas, gerando danos irreversíveis à sociedade e à humanidade como um todo (Norberto, 2016: 119-120).

Fica então a pergunta: até quando seremos bombardeados por notícias de seres humanos privados de sua liberdade por muros erguidos de forma apressada, de cercas de arame farpado colocadas para impedir sua passagem, de campos de refugiados superlotados e de leis de imigração igualmente cruéis e restritivas onde são tratados como criminosos; de crianças, vindas de regiões em guerra, chegando sozinhas à Europa ou morrendo afogadas no Mediterrâneo e de homens e mulheres morrendo de fome e exaustão durante travessias de desertos sem tentarmos dar uma resposta concreta à pergunta que Deus nos faz no Gênesis? Cada um de nós é convidado a buscar, com urgência, caminhos e formas diferentes de responder a essa pergunta e assim participar, já agora, na história, da construção do Reino de Deus, pelo qual Jesus Cristo viveu e morreu, lutando por um mundo mais justo onde haja espaço para todos e tornando nossa sociedade realmente humana.

Este momento de abertura ao mundo, que a Igreja está vivendo sob o comando do papa Francisco, (apesar de todas as resistências que tem encontrado no seio da própria Igreja), parece ser um momento propício para que cristãos e cristãs e as pessoas de boa vontade se sintam convidadas e estimuladas a se comprometer com a luta em prol destes seres humanos desalojados ou colocados em situação de extrema vulnerabilidade, em função de interesses egoístas de um grupo pequeno e poderoso e da omissão dos demais. O mundo não pode mais fechar os olhos a esta realidade chocante de milhares de pessoas se movimentando de país em país, nas condições mais adversas possíveis, arriscando a vida e sem direito a nenhuma cidadania. Os refugiados são vítimas inocentes de conflitos que não lhes dizem respeito. Não tiveram voz nenhuma nos acontecimentos que geraram o desastre humanitário que estão vivendo. São pessoas reais como nós, invisibilizadas pelo egoísmo e pela ganância humana. Cabe a cada um de nós fazer a parte que nos cabe, trabalhando em prol da cultura do encontro, proposta por Francisco, que nos leve a “*superar as inimizades e cuidar uns dos outros*” (FT 57).

Questões para reflexão:

1. Como me posiciono como ser humano frente à questão dos refugiados?
2. Como posso contribuir para minimizar o sofrimento dessas pessoas em deslocamento compulsório?

Referências bibliográficas

ACNUR. Agência da ONU para Refugiados / Brasil. **Perguntas e respostas**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugiados/perguntas-e-respostas/>. Acesso em 4 nov 2023.

CÁTEDRA SÉRGIO VIEIRA DE MELLO. **Direitos dos Refugiados**. Disponível em: <https://csvm.ufg.br/n/138092-direitos-dos-refugiados>. Acesso em 4 fev 2024.

CRISTIANO, Riccardo. **A atualidade do serviço jesuíta aos refugiados nos 37 anos da sua fundação**. São Leopoldo. Unisinos/IHU on line, 18 de novembro de 2017 - <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/573763-a-atualidade-do-servico-jesuista-aos-refugiados-nos-37-anos-da-sua-fundacao>. Acesso em 4 de fev 2024.

HUMMES, Cláudio. **As grandes metas do papa Francisco**. São Paulo: Paulus. 2017.

JAGURABA, Mariangela. **O papa: sofrimento dos migrantes grita aos olhos de Deus**. Vaticano/Vatican News. 19 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-combater-redes-criminosas-especulam-sonhos-migrantes.html>. Acesso em 4 fev 2024.

LUSSI, Carmem. Papa Francisco e os Refugiados: as migrações forçadas, a vida cristã e a configuração eclesial do mundo contemporâneo. In: **Espacos: Revista de teologia e cultura**, ano 27 (2), p. 91-108, jan-jun 2019. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/issue/view/41> . Acesso em 10 jan 2024.

MACHADO, Ricardo. **Papa Francisco visita Lampedusa, o inferno no Mediterrâneo**. São Leopoldo. Unisinos/IHU on line, 8 de julho de 2013 - <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/521701-papa-francisco-visita-lampedusa-o-inferno-no-mediterraneo>. Acesso em 4 de fev 2024.

MARINUCCI, Roberto. Papa Francisco e as migrações. In: LUCCI, Carmem.; MARINUCCI, Roberto (Orgs.) **Migrações, refúgio e comunidade cristã: reflexões pastorais para a formação de agentes**. Brasília: CSEM; São Paulo: Paulus, 2018.

NORBERTO, Maria de Lourdes F. F. **Uma teologia de fronteira: a missão da Companhia de Jesus junto aos migrantes e refugiados**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Abril 2016.

OGDEN, Timothy. **Migration: the oldest and still better tool in the anti-poverty arsenal**. Alliance Magazine, London, 11 mar 2016. Disponível em: <http://www.alliancemagazine.org/feature/migration-the-oldest-and-still-best-tool-in-the-anti-poverty-arsenal/> Acesso em 19 fev 2024.

PALATINSKY, Evaldo J. **Refugiados Invisíveis: lições do Dzaleka Refugee Camp**. Rio de Janeiro: Dormir pra quê? Edições. 2022.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAPA FRANCISCO. **Homilia da missa do 7º aniversário da ida a Lampedusa**. 8 de julho de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200708_omelia-anniversariovisita-lampedusa.html. Acesso em 12 de set 2023.

PAPA FRANCISCO. **Homilia da missa pelas vítimas dos naufrágios**. 8 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em 3 jan 2024.

PIOVESAN, Flavia. O direito de asilo e a proteção internacional dos Refugiados. In: RODRIGUES, Viviane M. **Direitos humanos e refugiados**. Curitiba: CRV, 2016.